

“EU ESCOLHI ESPERAR”: A JUVENTUDE CRISTÃ SOB O NOVO DISCURSO EVANGÉLICO DE PUREZA SEXUAL

“I CHOSE TO WAIT”: CHRISTIAN YOUTH UNDER THE NEW EVANGELICAL SPEECH ON SEXUAL PURITY

Saulo Albert¹

Resumo: Este trabalho analisa a campanha virtual *Eu Escolhi Esperar*, liderada pelos pastores Nelson Junior e Angela Cristina para a promoção de uma modalidade evangélica contemporânea de pureza sexual aos jovens não casados, devido às problemáticas nas quais o movimento está inserido. Da mesma forma que muitos relatam experiências positivas com os ditames doutrinários dos pastores, nacional e internacionalmente são muitas as denúncias sobre potenciais consequências negativas aos aderentes dessa espécie de campanha – o que se potencializa com a capilaridade digital, via internet, do movimento. Com a finalidade de compreender esse fenômeno, foi realizada uma pesquisa de campo virtual do *Eu Escolhi Esperar*; uma genealogia sobre o histórico, da Idade Média à contemporaneidade, de santo Agostinho a Nelson Junior, que levou ao surgimento da campanha; as principais diferenças entre a doutrina medieval de pureza sexual para a sua nova vertente; e uma análise de algumas das controvérsias nas quais esse novo movimento de pureza está inserido, o que, juntamente com o fato de os pastores buscarem atingir não somente a juventude evangélica, mas também os católicos e toda a cristandade não religiosa, merece atenção e pesquisa. Para isso, a pesquisa utilizou uma metodologia qualitativa, analisando dados das páginas na internet do *Eu Escolhi Esperar*, mas também bibliografia sobre o tema, incluindo autores como Michel Foucault e santo Agostinho.

Palavras-chave: Eu Escolhi Esperar. Pureza sexual. Juventude evangélica. História da virgindade. Biopoder.

Abstract: This work analyzes the virtual campaign *I Chose to Wait*, led by pastors Nelson Junior and Angela Cristina to promote a contemporary evangelical modality of sexual purity to unmarried young people, due to the problems in which the movement is inserted. In the same way that many movement participants report positive experiences with the doctrinal dictates of pastors, nationally and internationally there are many complaints about potential negative consequences for the adherents of this type of campaign – which is enhanced with the digital capillarity, via internet, of the movement. In order to understand this phenomenon, a virtual field research of *I Chose to Wait* was carried out; a genealogy of history, from the Middle Ages to the present, from Saint Augustine to Nelson Junior, that led to the emergence of the campaign; the main differences between the medieval doctrine of sexual purity and its new aspect; and an analysis of some of the controversies in which this new purity movement is embedded, that, together with the fact that pastors seek to reach not only evangelical youth, but also Catholics and all non-religious Christianity, deserves attention and research. Therefore, the research used a qualitative methodology, analyzing data from the internet pages of *I Chose to Wait*, but also bibliography on the subject, including authors such as Michel Foucault and Saint Augustine.

Keywords: I Chose to Wait. Sexual purity. Evangelical youth. Virginity history. Biopower.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Especialista em Psicopatologia Psicanalítica pelo Centro Universitário FG (UniFG). Especializando em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Sociopsicologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Bacharelado em Sociologia e em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER e em Psicologia pela Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR). E-mail: sauloalbert404@gmail.com

Introdução

Com milhões de visualizações e de seguidores nas redes sociais, a campanha *Eu Escolhi Esperar* dos pastores Nelson Junior e Angela Cristina é voltada aos cristãos não casados, abrangendo principalmente adolescentes e jovens adultos, com a finalidade de oferecer diretrizes sobre comportamentos e questões sexuais para um enorme público graças à capilaridade da internet. O grande sucesso do projeto reflete as angústias juvenis diante dos embates entre os divergentes paradigmas sexuais e estilos de vida contemporâneos, levando-os a buscarem respostas e direcionamentos sobre a temática, o que os pastores supramencionados oferecem.

Essa comunidade de pessoas que escolheram esperar graças aos ensinamentos de Nelson e de Angela, entretanto, é alvo de polêmica, pois nem todos os cristãos e não cristãos concordam com as suas abordagens, metodologias e pedagogia. Uma juventude que constrói a sua identidade pessoal e a sua personalidade conforme a doutrina da nova pureza sexual está seguindo um caminho de iluminação espiritual ou iniciando um processo de dor, sofrimento e de desenvolvimento de traumas emocionais que afetarão toda a sua vida?

Diante dessa problemática, este artigo busca compreender a estrutura e a genealogia desse movimento contemporâneo brasileiro de pureza sexual, como ele conseguiu atrair uma quantidade tão grande de jovens e as potenciais consequências disso. Para tal, será necessário explorar o conteúdo produzido pela campanha na internet, destrinchar a publicação editorial homônima à campanha, traçar um histórico entre o desenvolvimento medieval da pureza sexual cristã e a sua versão contemporânea e analisar algumas das críticas feitas ao movimento e ao seu impacto na juventude.

A bibliografia utilizada na fundamentação teórica deste trabalho abrange os estudos sobre sexualidade do filósofo Michel Foucault, a autobiografia de santo Agostinho, o livro *Eu Escolhi Esperar* escrito por Nelson Junior, as críticas elaboradas por Tina Schemer Sellers e Linda Kay Klein sobre a temática e alguns artigos sobre essa nova vertente da pureza sexual no Brasil.

A metodologia demandada pelo tema desta pesquisa foi uma análise qualitativa da bibliografia sobre o desenvolvimento histórico dos movimentos de pureza sexual no cristianismo e alguns dos seus desdobramentos sociopolíticos contemporâneos, juntamente com uma pesquisa de campo virtual e o uso dos métodos comparativo (no estabelecimento das similaridades e diferenças entre diferentes modalidades de pureza

sexual cristã ao decorrer dos séculos) e genealógico (com base na teoria de Foucault, analisando as relações de poder atreladas aos movimentos históricos).

O estudo se inicia com a descrição e o detalhamento do sucesso virtual da campanha *Eu Escolhi Esperar*, seguido por uma genealogia acerca dos precedentes históricos, nos últimos dois milênios, que levaram ao desenvolvimento da nova pureza sexual brasileira, finalizando com uma elaboração do conceito foucaultiano de biopoder, sua relação com o movimento de pureza sexual e as controvérsias relacionadas à questão.

1. O fenômeno virtual da demanda de diretrizes sexuais por parte de uma juventude cristã e evangélica

O despertar da adolescência no indivíduo é associado ao início do desenvolvimento da maturidade sexual, processo que, normalmente, não ocorre sem angústias, conflitos e problemas que afligem o jovem em relação à sua própria subjetividade e ao seu entorno. Para lidar com essas questões, diferentes adolescentes buscam diferentes caminhos e respostas atrelados às redes e relações de poder nas quais estão inseridos.

O filósofo Michel Foucault entende que o discurso² é um dos elementos constitutivos de um dispositivo³ estratégico ligado às relações de poder (CASTRO, 2016, p. 120). No contexto deste trabalho, isso significa que os discursos sobre o sexo que alcançam os jovens estão ligados a dispositivos da sexualidade que surgem através das relações de poder na sociedade. A verdade⁴ na subjetividade do sujeito, portanto, refletiria esse feixe de poderes no *locus* social onde ele está inserido. Para a juventude evangélica contemporânea, essa teoria pode ser compreendida a partir do conflito entre os discursos sexuais religiosos e pós-contemporâneos.

Com atuação no campus de uma universidade estadunidense cristã (SELLERS, 2017, p. 2), a terapeuta Tina Schemer Sellers, a partir do atendimento de muitos cristãos em conflito com as próprias sexualidades, entende que essa angústia de parte da juventude

² O discurso pode ser compreendido foucaultianamente como o “conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação; assim se poderia falar de um discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 1984, p. 141 *apud* CASTRO, 2016, p. 117).

³ “O dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito” (CASTRO, 2016, p. 124).

⁴ Segundo Michel Foucault, a verdade pode ser definida como “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (2019a, p. 54).

religiosa é resultado da inserção desses sujeitos em um embate de discursos contraditórios no campo do poder⁵.

No momento em que essas pessoas entram no meu consultório, eles já passaram anos tropeçando entre duas mensagens conflitantes sobre a sexualidade. Por um lado, suas experiências cristãs conservadoras insistem que o sexo pertence ao casamento – ponto. Por outro lado, a cultura pop insiste que o sexo selvagem, desapegado e recreativo é o melhor que há – ponto. A tarefa impossível de tentar viver entre ambas as narrativas ao mesmo tempo gera desespero, tanto para pessoas casadas quanto para solteiras. (2017, p. 8, tradução nossa)

Onde esse jovem em conflito com a própria sexualidade, pelo fato de estar sujeito a relações de poder conflitantes e contraditórias, pode encontrar respostas para esse tópico, considerado religiosamente por muitos como um tabu, na segurança do anonimato? Na internet. E isso ajuda a compreender o enorme sucesso da campanha intitulada *Eu Escolhi Esperar* idealizada pelos pastores evangélicos Nelson Junior e Angela Cristina.

No *Eu Escolhi Esperar*, trabalhamos com dois temas específicos: preservação sexual e integridade emocional. Primeiro, ensinamos a importância de guardar o corpo para viver as experiências sexuais com outra pessoa somente depois do casamento. Segundo, transmitimos a importância de viver algo que chamamos de integridade emocional: ajudar as pessoas a entender o plano de Deus para sua vida sentimental e, por meio de ensinamentos, tentar poupá-las de frustrações amorosas, para que possam construir relacionamentos saudáveis e duradouros. (JUNIOR, 2015, p. 56, grifo do autor)

A proposta bem-sucedida dos pastores tem múltiplas explicações sobre o seu êxito. Primeiramente, o projeto atende a demandas dos jovens cristãos que buscam diretrizes e explicações sobre questões sexuais e afetivas a partir de referenciais também cristãos. Além disso, o casal faz uso de uma estética, de uma linguagem corporal, de uma edição e de um modo de falar mais jovial com a finalidade de atingir adequadamente esse público-alvo.

Nelson Junior exemplifica o sucesso do *Eu Escolhi Esperar* através do seu rápido crescimento. Surgido em 2011, em somente três anos de existência da campanha “mais

⁵ “O campo do poder é o subespaço social composto por agentes que lutam em prol do exercício de dominação” (LEBARON, 2017, p. 168).

de três milhões de pessoas se conectaram a ela por meio das redes sociais e, no Twitter, em 2012, tornou-se um dos cinquenta perfis mais influentes do Brasil” (2015, p. 17).

Na data da escrita deste artigo, o *Eu Escolhi Esperar* possui mais de 1 milhão de inscritos no YouTube, 3 milhões de seguidores no Facebook, 2 milhões no Instagram e 869 mil no Twitter. Vídeos do canal no YouTube com os títulos “Por que a Masturbação é Pecado?”, “Como Vencer o Vício da Masturbação”, “Sexo oral no casamento?” e “7 assuntos para conversar antes de decidirem NAMORAR” acumulam mais de 1 milhão de visualizações cada; por sua vez, “Quais os limites do namoro cristão?”, “Beijar antes do casamento pode?”, “Deus tem uma pessoa certa para mim?”, “Meu Relacionamento é de Deus?”, “Como vencer a pornografia?” e “Ficar é pecado?” possuem (cada um) mais de 500 mil visualizações.

A abordagem simples e descontraída desse conteúdo no formato de perguntas e respostas tem grande alcance por abranger questões que perpassam parcela da juventude cristã que teme cometer pecados na exploração dos próprios sentimentos e sexualidades.

Geração após geração, as pessoas estão cada vez mais frustradas emocionalmente. Quanto mais cedo começam os relacionamentos, mais instáveis e conturbados se tornam. Pessoas me escrevem o tempo todo, desapontadas com sua vida amorosa. Minha caixa postal está cheia de histórias, uma mais triste que a outra. Os *e-mails* são diários e não param de chegar. São centenas de pedidos de socorro; há uma desorientação coletiva. (JUNIOR, 2015, p. 35, grifo do autor)

Diante dessa *desorientação coletiva* e de um silenciamento por parte de muitos líderes religiosos no aprofundamento de tópicos atrelados à sexualidade juvenil, Nelson Junior e Angela Cristina possuem um canal de comunicação aberta com os seus seguidores para oferecê-los uma orientação sobre vivências afetivas e sexuais dentro do cristianismo (majoritariamente evangélico).

Entretanto, a epistemologia tomada como base pelo casal no desenvolvimento das ideias pregadas pelo projeto pode ser considerada controversa e possui os seus críticos. A pregação pública em defesa da virgindade e da manutenção da pureza sexual oferece uma nova roupagem a ideias que já eram defendidas nos primeiros séculos da era cristã por nomes como santo Agostinho, santo Ambrósio e são Jerônimo (FOUCAULT, 2021, p. 191), ideias essas que são duramente criticadas há décadas por várias vertentes científicas (como a psicologia) e por movimentos sociais (incluindo as feministas e o movimento LGBTQIA+).

Mesmo a defesa de uma castidade cristã não sendo um consenso na sociedade brasileira, a campanha alcançou a esfera pública ao inspirar o desenvolvimento de uma política voltada ao adiamento do início da vida sexual dos jovens.

O tópico entrou em pauta após anúncio do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) sobre a elaboração de uma Política Nacional de Prevenção ao Risco da Atividade Sexual Precoce. Em 6 de dezembro de 2019, um seminário na Câmara dos Deputados promovido pelo MMFDH abordou o adiamento da iniciação sexual de adolescentes, inspirando-se em iniciativas religiosa [*Eu Escolhi Esperar e Ascend*⁶] [...]. (CABRAL; BRANDÃO, 2020, p. 1).⁷

A grande quantidade de críticas à conotação religiosa e moralista dessa campanha (CABRAL; BRANDÃO, 2020, p. 2) reflete a disputa entre os discursos evangélicos e pós-modernos acerca da sexualidade. Os discursos e narrativas conflitantes são resultado da dispersão de uma unidade do discurso sobre o sexo existente na Idade Média (FOUCAULT, 2019b, p. 37) e de uma multiplicação dos discursos sobre o sexo no campo do exercício do poder: “incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (FOUCAULT, 2019b, p. 20).

A divergência central entre os discursos contemporâneos religiosos e pós-moderno sobre a sexualidade pode ser compreendida, então, a partir da tentativa de líderes cristãos como Nelson Junior e Angela Cristina de reelaborarem para a juventude contemporânea ideias cristãs clássicas sobre a pureza sexual como resposta às ideias de liberdade sexual pregadas por outros grupos sociais.

2. Uma genealogia da virgindade cristã: de Agostinho a Nelson Júnior

Apesar de textos e ensinamentos sobre a virgindade datarem desde o início do cristianismo, a igreja só viu florescer os grandes tratados sobre a temática no século IV – os quais constavam de procedimentos, técnicas e instrumentos sobre a *arte da virgindade* (FOUCAULT, 2021, p. 224-225). Basílio de Ancira, Gregório de Nissa, João Crisóstomo,

⁶ A *Ascend* é uma organização social estadunidense, presidida por Mary Anne Mosack, “com atuação na área de programas de educação para evitar riscos sexuais” (CABRAL; BRANDÃO, 2020, p. 1).

⁷ Essa iniciativa levou à “criação da Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, pelo Governo Federal, por intermédio da Lei no 13.798 1, em janeiro de 2019, a ser comemorada anualmente na primeira semana de fevereiro” (CABRAL; BRANDÃO, 2020, p. 2).

santo Ambrósio e são Jerônimo foram alguns dos nomes que, à época, desenvolveram ensinamentos sobre a virgindade que rompeu a barreira dos séculos e ainda reverberam na contemporaneidade (FOUCAULT, 2021, p. 191).

Tópicos como o sexo, a virgindade e o desejo sexual, hoje abarcados na ideia da *sexualidade*, à época tinham a *carne* como significante. “O conceito de ‘carne’ faz referência ao corpo atravessado pelo desejo, a concupiscência, a libido. O cristianismo verá aqui uma consequência da queda, do pecado original” (CASTRO, 2016, p. 68), requerendo vigilância contínua pelo seu perene potencial pecaminoso.

Maior nome filosófico cristão da alta idade média e que também fez importantes contribuições teóricas sobre a questão da carne, santo Agostinho escreveu a obra *Confissões* em uma inovadora modalidade autobiográfica de exame de consciência escrita na forma de uma conversa penitente com Deus.

Quero lembrar minhas vergonhas passadas e as corrupções carnis da minha alma, não porque as ame, mas para te amar, meu Deus. Faço isso por amor do amor de ti, retrazando meus caminhos mais vis na amargura do meu arrependimento [...] Por um tempo, na adolescência, fervei de me saciar de baixezas, deixei brotar uma floresta de amores vários e sombrios, gastei minha imagem e apodreci perante teus olhos, querendo agradar a mim mesmo e agradar aos olhos dos homens. (AGOSTINHO, 2017, p. 63)

Apesar da mãe cristã, Agostinho só se converteu à religião aos 32 anos, tendo vivido as primeiras décadas da sua vida distante dos preceitos morais da religiosidade materna (o que inclui as questões referentes à carne), levando-o posteriormente a vivenciar um grande sentimento pela culpa sobre o seu passado.

Eu, porém, fervilhei, miserável, e, abandonando-te, segui o ímpeto de minha torrente e infringi todos os teus preceitos, mas não escapei de teus flagelos – quem pode, entre os mortais? Com efeito, tu estavas sempre presente, misericordiosamente irado, salpicando de amaríssimos desgostos minhas alegrias ilícitas, para que buscasse a alegria sem desgosto e não a encontrasse onde ela poderia estar, senão em ti, Senhor, em ti, que transformas a dor em advertência, e feres para sarar, e matas-nos, para que não morramos longe de ti. [...] Meus pais não se preocuparam em refrear por um casamento meu ímpeto, mas cuidaram apenas que eu aprendesse a falar o melhor possível e a persuadir por discursos. (AGOSTINHO, 2017, p. 65)

As passagens acima exemplificam ditames morais do cristianismo medieval que ainda servem de embasamento para algumas igrejas e vertentes religiosas na atualidade,

como: o sexo feito em desacordo com as recomendações religiosas ser qualificado como vergonha, uma corrupção e uma baixeza; a importância de uma vigilância sobre a própria alma e sobre a própria carne (ou sexualidade) como demonstração de amor a Deus; o sexo desregrado como gerador de grande sofrimento – sofrimento que possui a divina função de levar o sujeito à procura de Deus; a possibilidade de se apodrecer perante os olhos de Deus ao se deixar levar pela própria libido; e a importância do casamento como modalidade permitida pela igreja de vivência da sexualidade.

Entretanto, embora seja necessário, de acordo com essa perspectiva agostiniana, casar-se para fornicar, o ideal seria ao homem não tocar em mulher pois sem uma esposa o homem pensaria nas coisas de Deus e estar com uma mulher o faria pensar nas coisas do mundo. “Poderia ter ouvido com maior atenção essas palavras e, fazendo-me *eunuco para o reino dos céus*, me tornaria mais fecundo à espera de teus abraços” (AGOSTINHO, 2017, p. 64, grifo do autor).

Em consonância com relatos angustiosos de jovens na atualidade que buscam se manter castos, santo Agostinho também sofreu no seu processo de conversão ao cristianismo com a batalha contra a sua própria carne. Ele se considerava infeliz na juventude, julgava o cristão Ambrósio como um homem feliz e honrado, mas não se sentia capaz de seguir o mesmo trajeto porque considerava o celibato algo muito oneroso (2017, p. 145) e não acreditava ser capaz de suportar essa restrição ligada à grandeza de alma dos celibatários (2017, p. 163). Apesar do cristianismo não proibir Agostinho de casar-se, ele sabia ser preferível assumir um voto de castidade, porém ainda se sentia fortemente preso à mulher e considerava isso uma fraqueza espiritual (2017, p. 198-199). Ao fim, Agostinho consegue alcançar a castidade que ele almejava, mas antes passando por uma crise de angústia:

Esse conflito no meu coração não era senão de mim mesmo contra mim mesmo. [...] Mas, do fundo arcano de onde essa profunda meditação trouxe e amontoou perante meu coração toda a minha miséria, surgiu uma grande tempestade, carregando chuva intensa de lágrimas. [...] Eu me joguei não sei como sob uma figueira, e soltei as rédeas às lágrimas; rios derramaram de meus olhos, sacrifício aceitável para ti [...]. (2017, p. 220-221)

A castidade cristã, entretanto, não se restringia somente ao celibato. Um homem poderia ser casto, por exemplo, mesmo mantendo relações sexuais com a sua esposa. Agostinho defendia que a virgindade não era somente física, mas sim também espiritual,

envolvendo, desse modo, corpo e mente (FOUCAULT, 2021, p. 366). Então embora a castidade simples seja uma diretriz cristã, existia ainda a referência da vida monástica que englobava uma modalidade mais rigorosa de virgindade que requeria a erradicação até dos desejos e das cobiças (FOUCAULT, 2021, p. 222-223). Essa vivência ascética não era obrigatória, mas o casamento, sim, era mandatório para todos os demais que não suportassem o rigor da virgindade segundo os preceitos da igreja à época (FOUCAULT, 2021, p. 235-236).

O cristianismo medieval desenvolveu metodologias de exame de consciência (FOUCAULT, 2021, p. 150-151), de disciplina penitencial e de ascese monástica (FOUCAULT, 2021, p. 72-73) para o desenvolvimento de uma nova forma de subjetividade: “exercício de si sobre si, conhecimento de si por si [...] purificação de si e salvação por meio de operações que levam a luz até o fundo de si e conduzem os segredos mais profundos à luz da manifestação redentora” (FOUCAULT, 2021, p. 73). O sujeito deveria, portanto, estar sempre buscando nas profundezas da sua alma quaisquer resquícios de pecado para se purificar, o que seria uma forma de combate espiritual (FOUCAULT, 2021, p. 106).

Em prol dessa causa, servia de modelo aos castos a vida monástica – que era considerada uma arte (FOUCAULT, 2021, p. 155). Esperava-se do monge que até o final da sua vida ele fosse submissamente dirigido de modo a haver uma adequação da sua consciência aos ditames subjetivos e pragmáticos da instituição na qual ele estava inserido (FOUCAULT, 2021, p. 159-160) para o desenvolvimento de um perfil religioso temperante – referência para o restante da sociedade:

[...] são Jerônimo e santo Agostinho, no Ocidente, tiveram um papel até certo ponto semelhante: favoreceram o desenvolvimento de uma pastoral que tinha por objetivo ajustar à vida mundana certos valores ascéticos da existência monástica, bem como as práticas de direção dos indivíduos. (FOUCAULT, 2021, p. 313)

Mas como o indivíduo casto poderia viver sem se deixar levar pelos desejos da carne? O cristianismo da alta idade média também ofereceu algumas orientações mais pragmáticas sobre o tema, através do santo Basílio de Cesareia, como evitar os contatos físicos e os abraços – o tato seria o sentido que demandaria a maior atenção (FOUCAULT, 2021, p. 266) – e tomar cuidado com as imagens da mente, não cultivando pensamentos libidinosos (FOUCAULT, 2021, p. 268-269).

É importante pontuar que esses cuidados deveriam ser estendidos aos jovens. São João Crisóstomo encorajava os pais a não se oporem ao potencial desejo de um filho de renunciar ao mundo e afirmava ser necessário preparar os adolescentes para o casamento, pois esses jovens teriam almas e corpos difíceis de serem domados, exigindo vigilância para impedir que os rapazes e as moças se relacionassem sexualmente antes do casamento (FOUCAULT, 2021, p. 333-334).

Michel Foucault denomina o período da modernidade referente aos séculos XVII e XVIII como *clássico* (CASTRO, 2016, p. 140), período esse responsável pela apresentação de uma nova episteme que deixava de lado a semelhança como forma de se encontrar a verdade, demandando a ordem (CASTRO, 2016, p. 204-205) e uma racionalidade desconectada da moral tradicional, o que levou a sociedade a falar cada vez mais sobre sexo (FOUCAULT, 2019b, p. 26) e a transformar o tópico em questão política e de polícia – reflexo do aumento do poder do Estado (FOUCAULT, 2019b, p. 27-28). Isso, conseqüentemente, levou ao surgimento de novas tecnologias para se lidar com a sexualidade e a uma multiplicação dos discursos sobre o sexo no campo do exercício do poder (FOUCAULT, 2019b, p. 20). Esse processo acabou desdobrando posteriormente, no século XIX, por exemplo, na medicalização da masturbação infantil:

[...] Foucault analisa a reorganização da família no século XIX, no marco da grande campanha contra a masturbação. Em primeiro lugar, mais de que uma moralização, trata-se de uma somatização: 1) A ficção de uma enfermidade total, polimorfa, absoluta, sem remissão que se instala no corpo do masturbador. 2) O delírio hipocondríaco gerado pelos que tratam de conseguir que todo paciente vincule os sintomas de sua enfermidade a essa falta primeira. 3) A masturbação aparece como a causa possível de toda enfermidade possível: enfermidades do cérebro, do coração, dos olhos, etc. (CASTRO, 2016, p. 164)

O sexo, então, deixou de estar somente vinculado à moralidade religiosa e ao campo do pecado para adentrar o discurso médico do patológico. Passa-se, parcialmente, da ideia da carne para a concepção de sexualidade (FOUCAULT, 2019b, p. 117). Mas as religiões, concomitantemente, seguiram se desenvolvendo, absorvendo certos discursos da sociedade em seu entorno e mantendo ou readaptando ensinamentos da medievalidade. Nessa seara, a década de 1990 nos Estados Unidos observou uma retomada do discurso agostiniano de pureza sexual sob uma nova roupagem e com adaptações contemporâneas promovidas pelo pentecostalismo:

No início dos anos 1990, o discurso contrário ao sexo antes do casamento foi expandido para incluir a ideia de que os cristãos deveriam se manter “sexualmente puros” antes do casamento, o que muitos na juventude cristã entenderam significar o refreio de *qualquer* expressão do desejo sexual: masturbação, beijar, tocar, fantasiar etc. Esse movimento, que começou no sul [dos Estados Unidos], espalhou-se para mais de dois milhões de jovens em vários países e abrangeu a assinatura de contratos de pureza, anéis de pureza, e, para algumas meninas, danças de pureza com os seus pais. Isso é o que ficou conhecido por movimento de pureza. A vaguidade de frases como “pureza” e “abstinência sexual” usada nos ensinamentos e nos contratos que esses jovens eram requisitados a assinar os deixou confusos sob excessivas auto restrições no desenvolvimento da eroticidade (SELLERS, 2017, p. 10, tradução nossa, grifo do autor).

Apesar de grandes similaridades entre esse novo movimento e as ideias de pureza sexual dos primeiros séculos do cristianismo, ainda existia uma diferenciação na alta idade média entre a virgindade monástica e a castidade mundana. Os monastérios serviam como referência para o restante da sociedade, mas não era esperado deles que seguissem estritamente e com o mesmo nível de rigor o que os monges faziam referente à sexualidade ou às questões da carne. O que passou a ser pregado aos jovens solteiros nos Estados Unidos e depois se espalhou para o restante do mundo foram procedimentos que lembravam as iniciativas ascéticas dos monges da idade média (SELLERS, 2017, p. 11).

Lançada em 1993 pela Convenção Batista do Sul⁸, *True Love Waits* é geralmente considerada a iniciativa mais poderosa na indústria da pureza. *True Love Waits* nunca recebeu diretamente verbas federais, mas seu relacionamento com o governo era, apesar disso, robusto. *True Love Waits* ativamente fez campanha para o governo alocar recursos para o programa de abstinência até o casamento e, um ano após o seu lançamento, assustou o país levando 20.000 adolescentes para o *National Mall* e conseguindo 211.156 assinaturas de contratos de pureza. Posteriormente, 150 ativistas da pureza conseguiram uma sessão especial com o presidente Bill Clinton. Dois anos depois, o congresso alocou 50 milhões de dólares anuais para o supracitado programa de abstinência. (KLEIN, 2018, p. 25, tradução nossa, grifo do autor).

Esse novo movimento de pureza chegou ao Brasil ainda na década de 1990 através de Jaime Kemp, pastor fundador do Ministério Lar Cristão no Brasil e defensor de que “o maior problema espiritual e de decadência da vida cristã, da juventude evangélica está relacionada com seus namoros” (CUSTÓDIO, 2016, p. 45), e de Josué Campanhã, pastor

⁸ No idioma original, *Southern Baptist Convention*. Disponível em: <https://www.sbc.net/> [Acesso em 13/07/2022].

que coordenou no Brasil o projeto *Quem ama espera* também inspirado nas iniciativas estadunidenses (CUSTÓDIO, 2016, p. 46).

Quando eu era adolescente, surgiu no Brasil um movimento que ficou muito conhecido, o *Quem ama espera*, liderado pelo pastor Jaime Kemp. As pessoas sempre me perguntaram se o *Eu Escolhi Esperar* é a nova versão do *Quem ama espera*. Eu respondo que a campanha que idealizei é, na verdade, fruto do *Quem ama espera*. (JUNIOR, 2015, p. 10-11, grifo do autor)

A criação do *Eu Escolhi Esperar* por Nelson e por Angela, portanto, é uma derivação desse novo movimento de pureza sexual estadunidense, o que possibilita a compreensão comparativa entre os movimentos de pureza brasileiros e estadunidenses e entre a pedagogia cristã evangélica contemporânea acerca da virgindade e o asceticismo monástico da idade média (JUNIOR, 2015, p. 16, grifo do autor).

Nelson Junior reconhece que existe um paradigma vigente sobre a sexualidade e que a sua campanha se justifica no oferecimento de uma mensagem contra essa cultura para que o cristão busque uma “vida de pureza” (JUNIOR, 2015, p. 27) inspirado em valores e princípios que ele qualifica como eternos, mas que, como apresentado neste trabalho, possuem uma genealogia. E esses valores e princípios pregados pela campanha não são exatamente os mesmos do passado medieval – considerando as duas modalidades éticas apresentadas pelos filósofos medievais para a pessoa casta e para o sujeito monástico.

Mesmo assim, são muitas as convergências entre essa antiga filosofia da virgindade e as pregações de Nelson Junior. Ele repete, por exemplo, o que já era defendido há séculos por filósofos como santo Agostinho: “guardar seu corpo é guardar também o coração” (2015, p. 36); o desejo erótico com teor pornográfico como fantasias sexuais ou pensamentos erotizados como pecado (2015, p. 42); o sexo antes do casamento como resultado de uma influência diabólica (2015, p. 64); e a afirmação de que não seguir o plano de Deus através dos princípios apontados pelo *Eu Escolhi Esperar* resulta em dor (2015, p. 70-71). E existe também uma pretensão universal nesse projeto que, apesar da origem evangélica, qualifica-se como não pertencente a nenhuma denominação e busca acolher também católicos e pessoas não ligadas a nenhuma organização religiosa⁹.

⁹ Informação retirada da página *Sobre* no site do projeto *Eu Escolhi Esperar*. Disponível em: <https://euescolhiesperar.com/sobre/> [Acesso em 13/07/2022].

3. A instância do biopoder atrelada às problemáticas da nova pureza sexual

O período histórico entre os séculos XVII e XVIII presenciou o nascimento de novas tecnologias e instituições de controle sobre os indivíduos por parte do Estado: tratava-se do poder disciplinar. Por conseguinte, no século XIX ocorreu uma intensificação e um aumento na abrangência desse poder disciplinar com uma verdadeira estatização do biológico através de um discurso científico ligado ao Estado o qual deveria agir para *fazer viver* conforme as suas próprias diretrizes (FOUCAULT, 2010, p. 201-202) – surge aqui, o biopoder.

[...] é que, nos séculos XVII e XVIII, viram-se aparecer técnicas de poder que eram essencialmente centradas no corpo, no corpo individual. Eram todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais (sua separação, seu alinhamento, sua colocação em série e em vigilância) e a organização, em torno desses corpos individuais, de todo um campo de visibilidade. Eram também as técnicas pelas quais se incumbiam desses corpos, tentavam aumentar-lhes a força útil através do exercício, do treinamento, etc. Eram igualmente técnicas de racionalização e de economia estrita de um poder que devia se exercer, da maneira menos onerosa possível, mediante todo um sistema de vigilância, de hierarquias, de inspeções, de escriturações, de relatórios: toda essa tecnologia, que podemos chamar de tecnologia disciplinar do trabalho. (FOUCAULT, 2010, p. 203)

Devido a esse cenário, acreditar que o rigor cultural europeu (expandido para as américas e para o restante do mundo) sobre a sexualidade diminuiu após fim da idade média – com a entrada de outros discursos no campo de poder, como o discurso científico, o discurso médico e o discurso político – é relativo. Foucault acredita que a modernidade ofereceu um ardil suplementar de severidade com o rigor dos novos códigos legislativos, com as instâncias de controle, através de todos os mecanismos de vigilância instalados pela pedagogia ou pela terapêutica e com a entrada da medicina nas questões dos prazeres do casal (FOUCAULT, 2019b, p. 45). Esse período marcou uma multiplicação dos discursos sobre o sexo, ou seja, passou-se a falar mais sobre a temática, o que denotou uma diminuição da tolerância. As novas tecnologias da sexualidade agora estavam tanto sob o jugo do pecado religioso quanto sob as sanções e intervenções estatais (FOUCAULT, 2019b, p. 126).

O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barra-lo. Da mesma forma, o silêncio e o

segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. (FOUCAULT, 2019b, p. 110)

O cristianismo ao decorrer dos séculos estimulou e reforçou a castidade para as pessoas solteiras, mas, como citado acima, grandes silêncios sobre a temática para a maior parte da população davam guarida a uma série de práticas e possibilidades dentro do campo da sexualidade. Além disso, a vida monástica era uma referência, não uma obrigatoriedade.

O que separa, então, a antiga pureza sexual cristã do novo movimento de pureza sexual evangélico? O aumento do rigor sobre o sujeito inserido no campo religioso sob o qual o discurso da nova pureza sexual possui vigência. Somou-se à pastoral da carne o biopoder sobre a sexualidade. Somou-se à recomendação religiosa, o poder de vigilância e controle do Estado moderno. Se no passado silenciava-se de forma generalizada sobre muitas das pautas sobre a carne, esse novo movimento gira exatamente em torno da sexualidade. O que antes era acessório, tornou-se central. O que antes era monástico, tornou-se referente à castidade. O que antes era reflexo de santidade, agora é esperado, no campo da nova pureza sexual, de adolescentes e jovens adultos. Não se trata somente de não se relacionar sexualmente, mas de manter um profundo rigor sobre quaisquer pensamentos e atitudes com conotação sexual, pois o contrário seria demoníaco. Isso pode ser exemplificado por práticas de igrejas pentecostais e neopentecostais, como a Bola de Neve (voltada ao público jovem) que estabelece o controle das sexualidades dos fiéis como necessidade urgente (DANTAS, 2010, p. 58):

O discurso eclesiástico que normatiza e regula a vida sexual e afetiva dos fiéis é transparente, direto e assertivo. O sistema de regulamentação da atividade sexual encontra-se claramente definido e é transmitido ao público jovem através de uma linguagem informal e divertida, porém incisiva. A igreja demonstra demasiado interesse pelo comportamento sexual e ritualiza o controle da sexualidade, colocando-a no centro da sua atenção. (DANTAS, 2010, p. 57)

Um adendo sobre esse neomonasticismo, porém, é necessário ser estabelecido em relação à manutenção temporal desse período de virgindade. Enquanto a prática monástica e santa recomenda a virgindade para toda a vida, a castidade medieval encontra a castidade evangélica contemporânea na permissão da prática sexual para a pessoa casada. Mas, ainda assim, existem diferenças nos panoramas do passado e do presente. As estatísticas do registro civil de 2020 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística) apontam que “a idade média ao contrair a união conjugal foi de 34 anos entre os homens e 32 anos entre as mulheres” (2020, p. 5). Ou seja, em muitos casos, espera-se que o crente mantenha uma prática ascética e muito rigorosa sobre os próprios desejos, práticas e sentimentos durante muitos anos.

Os fiéis se preparam espiritualmente para enfrentar as paixões mais ardentes, como se fossem participar de uma guerra contra seu principal inimigo. Eles parecem travar um combate cotidiano contra um adversário íntimo, há muito conhecido, porém imprevisível e astuto, que surge de forma sorrateira nos gestos mais simples, nos olhares mais ingênuos e nas ocasiões mais inesperadas. Trata-se, pois, de uma relação de embate com as próprias necessidades sexuais. Nessa batalha, são utilizados expedientes religiosos para conter a “carne”, considerada a principal e mais próxima adversária do cristão, que o acompanha em todas as circunstâncias. (DANTAS, 2010, p. 61)

Espera-se, portanto, do adolescente e do jovem adulto evangélico, normalmente pentecostal, uma forte repressão sobre a sua sexualidade durante muitos anos, nos moldes da ética monástica medieval e com alto rigor de controle da igreja, seguida por uma transição abrupta para uma vida de casado e, conseqüentemente, sexualmente ativa. Mas essa é uma fórmula que não funciona adequadamente para muitos.

Havendo aprendido a sufocar ou reprimir suas sexualidades por anos dos seus desenvolvimentos, incluindo com a pessoa amada, muitos jovens cristãos encontram-se incapazes de trazer suas sexualidades à tona quando finalmente estão casados. Eles têm problemas em encarar o sexo como divino depois de anos se culpabilizando por sentirem seus desejos eróticos naturais. (SELLERS, 2017, p. 17, tradução nossa)

Linda Kay Klein, criadora da ONG estadunidense *Break Free Together*¹⁰ que ajuda pessoas que passaram por comunidades religiosas atreladas à nova cultura de pureza sexual e desenvolveram traumas de ordem sexual e/ou de gênero, relata ter terminado com o namorado que muito amava aos 16 anos por medo de que Deus condenasse os seus desejos sexuais (2018, p. 2), passou então a sofrer, anos depois, de crise de ansiedade ao tentar se relacionar sexualmente (2018, p. 7), descobriu que muitas outras pessoas passavam e tinham passado pelo mesmo (2018, p. 7) e teve acesso a histórias como: uma mulher que, anos após estar casada, sentia que tinha arruinado a própria vida por não ter dado o primeiro beijo no marido (2018, p. 13), outra que só descobriu o que era sexo e o

¹⁰ Página online da ONG *Break Free Together*. Disponível em: <https://lindakayklein.com/break-free-together/> [Acesso em 14/07/2022].

que eram testículos depois dos 20 anos de idade (2018, p. 75), uma que vivenciava uma enorme culpa e se sentia uma aberração da natureza pelo desejo de se masturbar (2018, p. 122-123), uma que foi humilhada publicamente na sua congregação e obrigada a confessar os seus pecados por estar grávida (2018, p. 134), outra que se casou após escolher esperar e cujas relações sexuais com o marido eram desastrosas, viveu anos praticamente sem transar e se sentindo miserável (2018, p. 136-137), uma que batia em si mesma quando se sentia excitada (2018, p. 140-141), entre vários outros relatos.

Considerações finais

Eu Escolhi Esperar, a campanha brasileira de pureza sexual liderada pelos pastores Nelson Junior e Angela Cristina, é um sucesso no Brasil, com milhões de visualizações e seguidores na internet. Sua genealogia perpassa os filósofos medievais, as políticas de disciplina do início da modernidade e a instância do biopoder surgida subsequentemente, unindo elementos do monasticismo medieval, das tecnologias de controle da sexualidade do Estado moderno, das estruturas comunitárias de novos movimentos evangélicos como o pentecostalismo e o neopentecostalismo e a grande capilaridade da internet somada às demandas de diretrizes sexuais por parte de jovens cristãos, oferecendo a sua versão e a sua *verdade* sobre como a pessoa solteira deve se manter pura e casta.

Essa pregação da nova pureza sexual, porventura, exacerba os princípios da castidade medieval, aproximando-se das vivências monásticas e criando mecanismos de controle nas pequenas e médias comunidades evangélicas com potencial de causar grande sofrimento pelo seu rigor. Além disso, essa campanha busca alcançar outros cristãos não evangélicos como os católicos, o que demanda análise e resposta por parte das religiões e da sociedade civil no caso de discordância com a pedagogia e com a doutrina do *Eu Escolhi Esperar*, pois, afinal, esse modelo de pureza sexual é a única possível ou existiria alternativas aos problemas surgidos através da cultura sexual pop contemporânea?

Em consonância com o fato do movimento de pureza sexual nos Estados Unidos ter se espalhado através de financiamento do congresso estadunidense – o que, inclusive, fez com que essa doutrina chegasse ao Brasil e influenciasse a criação do *Eu Escolhi Esperar* –, na data de submissão deste artigo, o pastor Nelson Junior já divulga a sua intenção de participar do Congresso Nacional através da sua candidatura ao cargo de

Senador pelo partido Avante no estado do Espírito Santo¹¹, o que levaria diretamente o *Eu Escolhi Esperar* ao centro do poder político brasileiro.

Se o público-alvo de todo esse grande movimento é o jovem, então cabe também a esse grupo se posicionar, debater e discutir as diferentes ideologias e perspectivas sobre o que as religiões, a ciência e a sociedade pregam sobre como se deve vivenciar a sexualidade. Linda Kay Klein afirma que nem todos experienciam a mensagem sobre a pureza sexual igualmente (2018, p. 26), então o que pode ser libertador para alguns, gera dor e sofrimento para outros. Diante disso, a busca de respostas sobre sexo e sexualidade, que tanto aflige os jovens, em outras searas religiosas e não religiosas pode contribuir não somente com o debate sobre a temática, mas também com o desenvolvimento emocional e espiritual de cada um.

Referências

AGOSTINHO, S. **Confissões**. Trad: Lorenzo Mammì. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

CABRAL, C. da S.; BRANDÃO, E. R. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 36, n. 8, p. 1-5, 03 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/WryX9xCMY5vwNwjM33pqbyb/?lang=pt>>. Acesso em: 13 maio 2022.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad: Ingrid Müller Xavier 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CUSTÓDIO, E. S. A juventude solteira e a sexualidade: abordagem e implicações na pregação protestante. In: **Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**, IV., 2015, São Leopoldo. Anais [...] São Leopoldo: EST, v. 4, 2016. p. 38-53. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/617>. Acesso em: 22 maio 2022.

DANTAS, B. S. do A. A dupla linguagem do desejo na Igreja Evangélica Bola de Neve. **Religião & Sociedade**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 53-80, jul. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/h6Ghyfmy9X8F5bcPymfsw4P/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2022.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

¹¹ Matéria intitulada "Partido de Nelson Junior escolhe não esperar mais por Casagrande", publicada em ES360 em 21/06/2022. Disponível em: <https://es360.com.br/partido-de-nelson-junior-decide-nao-esperar-mais-por-casagrande/> [Acesso em 19/07/2022].

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhon Albuquerque. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 4: as confissões da carne**. Trad: Heliana de Barros Conde Rodrigues; Vera Portocarrero. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad: Roberto Machado. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

IBGE. **Estatísticas do Registro Civil 2020**. Estat. Reg. civ, v. 47, p. 1-8. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2020_v47_informativo.pdf. Acesso em: 14 jul. 2022.

JUNIOR, N. **Eu escolhi esperar**. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

KLEIN, L. K. **Pure: Inside the Evangelical Movement That Shamed a Generation of Young Women and How I Broke Free**. Nova Iorque: Touchstone, 2018.

LEBARON, F. Elites. In: CATANI, A. M. (org.). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SELLERS, T. S. **Sex, god & the conservative church: erasing shame from sexual intimacy**. Nova Iorque: Routledge, 2017.

Recebido em: 19/07/2022

Aprovado em: 31/10/2022